

O semblante em tempos de mudanças

Marcus do Rio Teixeira

Como a psicanálise se situa ante as mudanças culturais acerca da sexualidade ou, mais exatamente, da sexuação? Presenciamos cotidianamente na mídia, na sociedade, sujeitos que reivindicam a escolha da sua identidade sexual como uma forma de liberdade. A medicina responde a essa demanda tomando-a literalmente e o meio jurídico lhe garante a legitimidade. Quanto à psicanálise, o que ela teria a dizer? O presente trabalho representa uma contribuição sobre o tema.

Em uma conferência intitulada “Uma calça para dois”¹, Charles Melman discute o que denomina os quatro fatores da identidade sexual: *real*, *simbólico*, *imaginário* e *sintomático* – fazendo referência ao nó borromeano a quatro, que todos conhecem. A respeito do primeiro fator, dito *real*, ele diz que se trata do corpo tomado num sentido “bobamente anatômico”, do organismo, portanto. Encontramos por vezes colegas que discordam da denominação do corpo enquanto organismo como sendo da ordem do real. Patrick De Neuter argumenta a favor dessa denominação: “Enquanto o conceito de real conota o impossível, o real do corpo é constituído por tudo o que, do corpo, escapa às tentativas de imaginarização e de simbolização.”²

Melman também se refere ao corpo enquanto real em outro texto:

O corpo é assim esse Real do qual você não pode fugir e que convém servir como ele bem entende se você tentar se passar por seu mestre; mas se o servir devotadamente, o índice de realidade das percepções que ele assume se deve a esse único traço: seu caráter obrigatoriamente insatisfatório.³

Temos, portanto, o corpo com o qual o sujeito, ainda por advir, antes da fala, vem ao mundo, corpo considerado aqui como um dado que independe do imaginário e do simbólico – um dado inegociável, eu diria. O segundo componente, dito *simbólico*, diz respeito, segundo Melman, ao modo como esse

¹ MELMAN, C. *Uma calça para dois*: o ideal da paridade no mundo industrial. 14/5/2008 [tradutor: Sérgio Rezende]. Disponível em: <www.tempofreudiano.com.br>. Acesso em: 12 maio 2013.

² DE NEUTER, P. Corpo. In: CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. (Org.). *Dicionário de Psicanálise*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007. p. 70-72. p. 72.

³ MELMAN, C. *Nouvelles études sur l'hystérie*. Paris: Joseph Clims/Denoël, 1984, p. 101.

corpo é tomado pelo entorno familiar e social, que o reconhece como o corpo de um ser sexuado, inscrevendo-o nesse mesmo movimento na repartição dos sexos. Esse processo se dá à revelia do *infans*, que não possui condição de reagir a essa inscrição. Melman destaca o caráter imperativo do registro Simbólico e frisa que a identidade sexual enquanto simbólica não é simplesmente da ordem de uma escolha, no sentido egoico, mas algo que supõe a inscrição do sujeito na divisão sexual enquanto masculino ou feminino, com deveres correspondentes à sua nomeação.

Um terceiro fator, dito *imaginário*, diz respeito aos traços que são associados às posições simbólicas e que, como lembra o autor, “(...) naturalmente, derivam essencialmente das modalidades, eu diria próprias a uma cultura, de se dar em representação na manifestação dessa identidade sexual.”⁴ Esse fator diz respeito, portanto, ao *semblante*, ou seja, ao modo de se fazer reconhecer pelo outro como pertencente a um dos sexos. Lacan discute essa noção no seu *Seminário 18, De um discurso que não fosse semblante*, aproximando-o da noção de identidade de gênero, tal como definida por Robert Stoller no seu livro *Sex and Gender*:

O importante é isto: a identidade de gênero não é outra coisa senão o que acabo de expressar com estes termos, ‘homem’ e ‘mulher’. É claro que a questão do que surge precocemente só se coloca a partir de que, na idade adulta, é próprio do destino dos seres falantes distribuírem-se entre homens e mulheres. Para compreender a ênfase depositada nessas coisas, nesse caso, é preciso nos darmos conta que o que define o homem é sua relação com a mulher, e vice-versa.⁵

Dito isto, convém observar que não é surpreendente que o semblante se modifique de acordo com as transformações sociais, os costumes, a moda, etc. Afinal, trata-se basicamente de uma forma de dar sinal ao outro de que se ocupa uma determinada posição na repartição dos sexos. Esse jogo especular é tão mutável quanto o registro que o preside. Espera-se, porém, que ele mantenha uma certa coerência em relação à posição do sujeito no que diz respeito à função fálica. O que acontece se essa coerência deixa de existir? Para Melman, o semblante na contemporaneidade não se liga mais à posição simbólica do ser sexuado, tampouco a sua anatomia.

[...] há, como se sabe, duas identificações possíveis. Uma marcada pelo traço da virilidade, outra marcada pelo traço da sedução.

E o que é notável é que elas funcionam hoje, essas duas identificações, independentemente do sexo simbólico e do sexo real. (...) E eu direi também que esses dois modos

⁴ MELMAN, C. *Uma calça para dois...* op. cit.

⁵ LACAN, J. *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 30.

de identificação são intercambiáveis. Isto é, você pode ser levado a ostentar o traço da virilidade, você pode em tal outra circunstância ostentar o traço da sedução.⁶

Em uma linha semelhante, Colette Soler observa o desaparecimento na atualidade dos semblantes ligados à repartição dos sexos.

(...) assistimos, não cessamos de continuar a assistir, creio eu, ao *desaparecimento dos semblantes do Outro*. O fato de que o Outro não existe jamais impediu uma cultura de construir semblantes para evocar o Outro. Me parece que, na época atual, há uma espécie de desaparecimento dos semblantes do Outro. Em todo caso, é certo que há uma diminuição progressiva dos semblantes do Outro no nível do sexo, da divisão sexual.⁷

O que esses autores apontam diz respeito a questões que ultrapassam o âmbito da clínica e se fazem presentes na nossa cultura. O que se passa na contemporaneidade no que diz respeito à identidade sexual? Uma pista para nos situar teoricamente pode ser encontrada no quarto componente da identidade sexual, que Melman denomina na sua conferência como *sintomático*. O autor aponta uma tendência, cujo surgimento ele data de maio 68, expresso na palavra de ordem: “A cada um segundo seu desejo”. Segundo ele, esta palavra de ordem constitui uma mudança cultural que, levada às últimas consequências, pressupõe que o sujeito possa escolher a sua identidade sexual por um ato de vontade, consciente, à revelia do real da anatomia assim como da determinação simbólica.

Ora, esse voto, expresso na atualidade como uma tendência social presente na mídia, nos movimentos políticos, nas artes, encontra sua expressão teórica e ao mesmo tempo militante na noção de *gênero*, tal como é definida por Judith Butler em seu livro *Problemas de gênero* – referência fundamental para pensar essa noção – e empregada por outros autores com o sentido definido por ela.

O gênero não deve ser construído como uma unidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero.⁸

⁶ MELMAN, C. *Uma calça para dois...* op. cit.

⁷ SOLER, C. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris, Hôpital Sainte-Anne, oct.1999/juin 2000. Transcrição não relida pela autora. p. 137. [Tradução minha para o trecho citado]

⁸ BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 242.

Em seu livro, Butler cita Lacan como uma de suas referências teóricas. Porém, a autora parece limitar-se ao campo do imaginário do semblante, que Lacan destaca quando frisa o papel da *mascarada*, do *parecer*, em textos como *A significação do falo*⁹, citado por ela. Butler parece entender a teoria de Lacan sobre a sexualização, exposta nesse artigo, como um fundamento teórico para a definição da sua noção de gênero como uma construção puramente performática sem outra consistência a não ser a permanência ao longo do tempo. Butler executa, dessa forma, uma hipérbole da teoria lacaniana: se a forma como os *falasseres* se apresentam aos seus parceiros enquanto seres sexuados é feita com o recurso imaginário de um parecer, *logo* tudo o que diz respeito ao sexo se resume a um jogo de máscaras e as identidades sexuais se dissolvem nesse jogo.

A conceituação da identidade sexual como restrita ao imaginário do semblante reduz essa identidade ao caráter meramente performativo de atos, condutas, maneiras de agir, etc. Dessa forma, situa tal identidade estritamente na dimensão do Imaginário, excluindo o Simbólico e o Real. A linguagem, na concepção butleriana, é um mero veículo para a transmissão de normas e valores socialmente definidos, presente no jogo das falas, no diálogo entre interlocutores. Tal concepção nega a dimensão simbólica da linguagem como uma instância terceira entre os interlocutores. Quanto ao Real, se o tomarmos como o impossível presente na afirmação de Lacan, “não há relação [*rappor*t] sexual”, este não teria nenhum lugar na teoria do gênero. A noção do gênero como performático e fluido elimina totalmente a impossibilidade da relação sexual, uma vez que os próprios sexos deixam de existir.

Ora, o movimento teórico de Lacan vai justamente no sentido oposto: a partir dos anos 72-73, sobretudo no artigo *O aturrito* e no *Seminário 20, Mais, ainda*, ele constrói uma concepção das identidades sexuais enquanto identidades de gozo, que parte do real da não-relação [*rappor*t] sexual e dos gozos e do simbólico da função fálica. O que fica de fora na determinação da sexualização, nessa concepção, é justamente o imaginário, o semblante que cada um ou cada uma vai construir a partir daí para ser reconhecido(a) pelo pequeno outro enquanto ser sexuado. Este virá como consequência, não como fator determinante da identidade sexual.

Uma vez que a noção de gênero, ao contrário, exclui o simbólico e o real, o imaginário seria a única instância responsável pela definição da identidade sexual. Isso explica a exaltação do travestismo feita por Butler e outros autores, a qual não é meramente casual, mas uma decorrência

⁹ LACAN, J. A significação do falo. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.

lógica da sua concepção das identidades sexuais como um puro jogo de aparências. Segundo essa lógica, o travesti, que executa uma mascarada da mulher, deve ser considerado uma mulher, tanto quanto um indivíduo com uma anatomia feminina. Poderíamos dizer que ele deve ser considerado *mais legitimamente* uma mulher, uma vez que nele a feminilidade seria vivenciada sem o “álibi” da anatomia, em sua essência de pura aparência, como uma paródia. “Ao imitar o gênero, a drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência.”¹⁰ Na verdade, segundo a teoria do gênero, a rigor não poderíamos falar em “legitimidade”, uma vez que não haveria nenhuma identidade feminina além do jogo do semblante, no qual o travesti, hábil em jogar com o parecer, estaria em vantagem em relação a uma mulher.

Os gêneros foram desvinculados do sexo dito biológico; sua proliferação se torna visível e gozante; a *drag queen* foi elevada ao topo para que se fizesse compreender que a feminilidade é uma performance, uma imitação sem original. Em linhas gerais, entre uma mulher e uma *drag queen*, a diferença é o comprimento do salto.¹¹

É importante ler o que Marcel Czermak diz sobre a posição do travesti.

Quanto ao travesti [...] ele vai vestir seu sintoma com outros ornamentos. Embora se pudesse crer que ele é aquele que mais se aproxima, por sua conduta, do transexual, constatamos que não é nada disso. Sua visada não é absolutamente a de se reivindicar como pertencendo ao outro sexo, ou ainda de fazê-lo reconhecer, mas é, antes, numa montagem muito próxima daquela do exibicionista, a de chegar ao gozo pelo viés da angústia provocada no falasser pela revelação do falo – aqui representado pelo órgão em sua realidade eventualmente erigida, até então mascarado pela vestimenta feminina ou pelo sobretudo – no instante em que o véu se esgarça.¹²

Ou seja, o que o travesti demonstra com sua performance não é a inexistência do sexo e a prevalência do gênero como puro jogo de aparência. Longe de simplesmente reivindicar ser reconhecido como uma mulher ou de preconizar uma dissolução da diferença sexual, ele joga com a ambiguidade da sua identidade sexual. Para que a sua montagem funcione, o sujeito nessa posição necessita que exista uma divisão dos seres sexuados entre homens e mulheres. É preciso que essa

¹⁰ BUTLER, J. *Problemas de gênero...*, op. cit. p. 237.

¹¹ BOURCIER, M.-H. Entrevista a Pedro Paulo Gomes Pereira. *Revista Cult*, São Paulo, Editora Bregantini, nº 205, setembro 2015. p.11-15. p. 12.

¹² CZERMAK, M. *Patronimias: Questões da clínica lacaniana das psicoses*. Rio de Janeiro: Tempo Freudiano, 2012. p. 47.

divisão exista e até mesmo de forma bastante categórica para que ele possa vir perturbar o outro apresentando-se como aquele que transgride tal divisão. Ao contrário do que afirmam os teóricos do gênero, é fácil constatar que para o travesti, o mais interessante, o que o faz gozar, não é ser uma mulher, mas *ser uma mulher com um pênis*.

Poderíamos perguntar então como se situaria nos dias de hoje uma mulher, sobretudo uma mulher que inicia a sua vida sexual e amorosa adulta, se ela for educada para entender todos os traços relativos à feminilidade, sejam o gestual, a postura, o vestuário, a conduta, etc., como uma imposição cultural à qual ela estaria submetida e que nesse aspecto um indivíduo com uma anatomia masculina pode reivindicar a pertença à classe das mulheres tanto quanto ou até mais do que ela. Não somente isso: que em uma mulher com uma anatomia feminina os traços que dizem respeito à sedução, à forma de atrair o desejo masculino, são índices de uma posição degradante para ela, enquanto que em um indivíduo com uma anatomia masculina os mesmos sinais são positivos e merecedores de elogio. Como uma mulher pode construir sua identidade sexual, mesmo que imaginária, nesta situação?

Este problema já havia sido detectado em 1983 por Catherine Millot no seu ensaio, hoje clássico, *Extrassexo*, no qual ela afirma, citando uma autora feminista norte-americana, Janice G. Raymond, que “(...) o transexualismo seria um dos últimos meios inventados pelos homens para assegurar sua hegemonia na luta dos sexos. Eles estariam concorrendo com as mulheres em seu próprio terreno, ameaçando fazer delas, em breve, uma espécie em extinção.”¹³

Esta depreciação da feminilidade se faz presente hoje em dia. Os exemplos são inúmeros, darei apenas dois. Recentemente, a ONU elegeu uma personagem de histórias em quadrinhos, a Mulher Maravilha, como representante de uma “campanha para o empoderamento de mulheres e meninas” (sic). A personagem, porém, logo foi demitida do cargo, por assim dizer, atendendo a um abaixo assinado que criticava o fato de a personagem ser muito “sexualizada”, termo que deve ser entendido como ter um corpo representado com caracteres sexuais nitidamente identificáveis como femininos. Ou seja, a ONU concordou em retirar de uma campanha dirigida a mulheres e meninas uma personagem-símbolo pelo fato de esta ter uma anatomia com traços femininos.

Outro exemplo diz respeito à moda dita “sem gênero”. Trata-se de um estilo de roupas que não trazem nenhuma característica que as identifique como masculinas ou femininas, e que podem ser

¹³ MILLOT, C. *Extrassexo: ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo: Escuta, 1992. p. 13.

usadas tanto por homens quanto por mulheres, sem identificar quem as usa como pertencente a um gênero. A entrevista concedida por um estilista ao programa Mundo S/A é bastante elucidativa. Ele diz que a dificuldade maior reside no fato de a anatomia feminina ser caracterizada por formas muito bem marcadas, delineadas, e que as roupas têm que ser bastante folgadas para esconder as formas femininas.

Ou seja, aquilo de que se trata é de apagar a diferença sexual ou mais exatamente, apagar a dimensão do Outro sexo. Este termo é empregado por Lacan no *Seminário 20, Mais, ainda*, para se referir à dimensão da alteridade feminina. A definição teórica de tal dimensão é uma contribuição de Lacan à psicanálise, uma vez que Freud não chegou a teorizá-la, pois sua concepção na época situava o campo feminino como da ordem do não-fálico, ou seja, como negatividade em relação ao masculino.

Charles Melman assim comenta o apagamento dessa dimensão na atualidade:

Saímos de uma área cultural em que uma mulher se distinguia por sua alteridade, pelo fato de que ela introduzia, eu diria, no “mundo cinzento e uniforme dos homens”, pelo fato de que ela introduzia esse traço de ser, não uma estrangeira, mas de ser “outra”. E no mais das vezes, reivindicar e afirmar essa alteridade com, eu diria, a importância que essa dimensão pode ter para o exercício de nosso pensamento. Nosso pensamento que tem tendência, como vocês sabem, desde Platão, a querer homogeneizar, a passar do mesmo ao mesmo. É um velho capricho, uma velha reivindicação de nossa civilização, querer homogeneizar tudo, ou seja, funcionar no “Homo”.

Diante dessas nítidas contradições entre a teoria do gênero e a teoria de Lacan, como se explica que alguns colegas lacanianos tenham adotado a noção de gênero para falar da sexuação? Creio que muitos deles acharam, sinceramente, que a teoria psicanalítica fosse compatível com a(s) teoria(s) do gênero. Esta impressão inicial, porém, se desfez em seguida. Por outro lado, há uma outra vertente, oriunda dos departamentos de importantes universidades, cujo interesse em ler a teoria psicanalítica a partir de Butler e dos autores da teoria *queer*, ao contrário dos nossos colegas, não se faz de boa fé: seu propósito explícito é demolir uma por uma as teses de Freud e de Lacan, caracterizando estes autores como obsoletos e reacionários.

A partir das críticas feitas nos últimos tempos por diversos autores, entre os quais Žižek¹⁴ – insuspeito de conservadorismo, como são frequentemente acusados de forma genérica todos os que

¹⁴ ŽIZEK, S. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. São Paulo: Boitempo, 2016.

discordam das teorias do gênero –, que apontaram erros explícitos e grosseiros nas referências feitas por Butler à teoria lacaniana se tornou mais difícil sustentar teoricamente uma aproximação entre Lacan e as teorias que empregam a noção de gênero. Surge, então, uma nova forma de confundir as teses da teoria lacaniana e das teorias do gênero, contrabandeando a definição de gênero – sem nomeá-lo – para referir-se às identidades de gozo. Se tais identidades são entendidas como posições mutáveis, oscilantes, transitórias, de um sujeito ante seu (sua) parceiro(a), o resultado desse contrabando epistemológico é uma leitura da teoria lacaniana da sexualização como uma teoria do gênero, mesmo que não se utilize explicitamente este termo.

Insistir na distinção entre a teorização lacaniana da sexualização e aquela das correntes teóricas que sustentam a noção de gênero não é uma mera questão de fidelidade a determinado autor, mas de coerência teórica: ou bem se entende a sexualização como um processo que não diz respeito ao imaginário do semblante – este sendo sua consequência e não sua causa –, mas ao simbólico da função fálica e ao real da não-relação sexual; ou bem se lê o que diz respeito à sexualização como da ordem do parecer, do performático, negando qualquer referência ao simbólico e ao real. É possível admitir uma teoria ou outra, mas é contraditório ler uma segundo as premissas da outra.